

revista

Gente

de

PALAVRA

n° 24



Neli no livro

n° 6 da Coleção Caderno de Poemas

Aline Patrícia Avelino Ferraz Ana Angélica Bruni Ana Paula Fernandes Ventura André Luís Soares Angela Fonseca Antonio Cabral Arriete Vilela
Augusto Moraes Auriel Filho Benette Bacellar Bruno Borin Boccia C. A. Albani da Silva Carmen Silvia Presotto Chrisellen Vieira Cláudia
Gonçalves Conceição Hyppolito Cristiana Moura Daniel Perroni Ratto Davi Kinski Édgar Gúiza Edison Gil Edweine Loureiro Eliana Pichinine
Elsa Camargo Evandro Alves Maciel Felipe Magnus Fernando Mattos Filipe Fragnan Giselle Maria João Alberto de Faria e Araújo Joaquim
Moncks Karina Gercke Jorge Ventura Ligia Lacerda Lilian Rose M.da Rocha Lucas Esteves Ludimar Gomes Molina Luiz Otávio Oliani M Isis
Magaiver Wellington Mah Fiori Marcos Nascimento Maria da Glória Jesus de Oliveira Matusalém Dias de Moura Monique Bonfim de Souza Neli
Germano Renato de Mattos Motta Ricardo Mainieri Ricardo Thadeu Rogerio Santos Sabrina Lindemann Tayline Angeli Vera Celms Williw Rota



LIII

Na casa de Afonso, uma carreira de filhos e filhas
Não fosse Fani, a mãe, andavam sem roupas e famintos
Nem pro colégio iriam
Afonso bebia de cair na valeta
– Pedreiro de mão cheia –
Por que bebia tanto?
A vizinhança se perguntava
Só se via Fani de tardinha, quando chegava
Saía pro trabalho quando o galo cantava, levava consigo
as duas filhas mais velhas pra aprender a profissão:
lavar e passar roupa, faxinar casa e cozinhar pra gente de posição
O salário não era muito mas a patroa era boazinha,
dava roupa usada, restos de pão
Tudo isso ela comentava quando encontrava minha mãe no portão
Afonso era homem bom
quando não bebia, trabalhava que dava gosto
e Fani até sorria
pro mundo e entre as pernas...
porque a família crescia

Chegamos ao número 24 da revista Gente de Palavra – desde o primeiro número contando com apoio do IEL (Instituto Estadual do Livro) – e lançamento do sexto volume da “Coleção Caderno de Poemas” com o financiamento do FUMPROARTE – Fundo Municipal de Produção Artística e Cultural de Porto Alegre – “Casa de Infância” de Neli Germano.

“Os breves poemas, compostos por uma estrutura simples, são iluminuras” com as palavras de Erivoneide Barros – parecerista de nossa revista, mestranda pela USP – a respeito do livro “Casa de Infância” de Neli Germano, abrimos este editorial. O que melhor define esta obra é a fluidez, a simplicidade de palavras e a força das imagens. Pequenas reminiscências de infância trabalhadas por uma mulher sem perder o olhar pueril, atento, delicado, inocente. E, apenas mantendo essa inocência e valendo-se da experiência de adulta, é possível formar versos como o que se refere ao ato de parir como se fosse o ato de sorrir no poema LIII “e Fani até sorria/pro mundo e entre as pernas/ porque a família crescia”. Alumbramentos, iluminuras, centelhas de infância; assim como o sol, ilumina, aquece, traz vida mesmo de onde parece não ser possível.

“Tomar Casa de Infância apenas como produto da experiência de alguém, da poeta Neli Germano, não resultaria na leitura mais profunda e significativa” segundo prefácio de Sidnei Schneider e com o principal “alerta” sobre esta obra (citando Pessoa ortônimo): “Sinta quem lê”.

Neli Germano é Gente de Palavra.

MGH

Transformação

toda linguagem
é selva
a ser devastada

toda linguagem
é terra
a ser adubada

toda linguagem
é pedra
a ser limada

Luiz Otávio Oliani



Escorregador

é
mó
e só
é céu
o brilho
encantador
dos teus olhos
que vejo ao longe
qual faróis na fronte
que curva no entretanto
feito em luz, silêncio e som
rumo urgente degrau de poesia
flor do campo minado em sabores
onde és fruta temporã cintila impune
e um escorregador de palavras nos une
empresto meus versos para o nosso tombo
se tudo vira pó viro areia que assim seja em voz
poeta sem sentido quebrado vidro moído estilhaçado e atroz

Rogério Santos
www.rogeriosantos.mus.br



Raiando o dia

Quando o sol desponta e faz rendada a figueira
Solto uns suspiros lentos e me ponho faceira
Correndo para o jardim, beijando o ar e o alecrim.

Depois, mergulho na vida, com a prece preferida
De gratidão e louvor, com ardor proferida
Bendizando ao Senhor pela pintura perfeita.

A natureza me sorri na manhã ainda menina
E eu mergulho em lembrança traquina
De um tempo que há muito atrás ficou.

Fico mirando o ontem e o hoje com encanto
Lágrima desliza mas não se faz em pranto
Pois sou feliz com tudo o que tenho para viver.

Maria da Glória Jesus de Oliveira



O nome da fome

Fome é o nome que engasga na garganta
Ninguém fala, ninguém come.
Quem se farta nem dá falta
Da voz que se cala, da boca muda, vazia
Onde só a fome mastiga e nó vai dando nas tripas.
Se for comida ou palavra, sobrevivência ou consciência
A matéria que desengasga é a mesma que grita
Das entranhas da vida a sua própria fome.

Cristiana Moura



Mitologia marítima (gênese):

É duro ser estrela do mar quando na terra berram papagaios
que repetem o que não refletem.

Ao olhar para o céu e, imóvel, ver a dança das estrelas,
invejo a superfície das águas que as reflete tão limpidamente.
Pois se sou alga!

Era uma vez uma sereia que, no afã de ser mulher, tornou-se fábula.

De dentro da baleia ainda podia ver o infinito fechado em si mesmo
e era de uma beleza cósmica e terrificante.

Cardumes de cavalos marinhos navegam seus redemoinhos
sonhando, quem sabe, um descampado para correrem livremente.

Era um rio que queria ser poça e sonhar o mar à distância.

Nasceu como montanha no fundo do fundo do mar
e cresceu até ser brisa litorânea e espessa chuva de verão.
Daí tornou-se peixe adulto que, não sabendo nadar, emergiu como pássaro
e foi ser flor de cacto no deserto apesar da distância e da mudança de clima.
Às vezes sonha sua infância mal lembrada e olha o sol com muita raiva
mas seu destino é desatino.
Quem sabe o que será amanhã?

Inerte

seria plano
___ não fosse acaso
vento cortante
no vazio da des
conversa

_____ lá no osso

cálida ressaca
amolando a lâmina
que
rasga a palavra

Cláudia Gonçalves



Evandro Alves Maciel.:

O Múltiplo Contínuo, fotopoemas
<http://omultiplocontinuo.wordpress.com>



Quanto mais violência, mais perto do bicho
Quanto mais arrogância, mais perto do lixo
Depender do instinto é viver no automático
Viver iludido se achando O fantástico

Quão maior a vaidade, tão maior o vazio
Na verdade o espelho só reflete um fio
Dessa linha que tece a magia em nós
Quão maior o vazio, mais se aumenta a voz

Quanto maior o medo, mais covarde se é
Menos se tem sossego, menos paz, menos fé
Pois a Vida ensina com amor pra quem quer
E pra quem se declina, queima a sola do pé

Filipe Fragnan

Entre o momento e a água, nós

Inundados pela luz do dia
Porta fechada, não deixou engano
Pensava em ti, abraçado, em riste
Diante de mim
Diante de imagens ocultas, tão íntimas
E entre o momento e a água
Estava você, estava eu
Juntos por um toque,
Cúmplices mãos de nós dois
Em sonhos, fantasias líricas
Excitação mútua, cúmplice
que cuidadosa, não se consumou.
Fazendo a nossa solidão acompanhada
E entre saudade e pensamentos
Derramamo-nos nós
Doce homenagem
(Re)fazendo-se a cada vez...
Só eu e você
Momentos nossos
Cada qual consigo só
E juntos na intenção e no gesto
Arrebatados em pura sintonia
Captados e capturados no ar...

Vera Celms



A alma do poeta

Todo poeta deseja ver
Suas palavras se transformarem
Em atos de amor, carinho e pureza
Mesmo sendo em um breve olhar
Que contempla em suas palavras
Os sentimentos e as emoções
Expressos em uma doce beleza.

Todo poeta é um sonhador
Que vive da esperança de um dia
Ou em um momento encontrar
o que no mais profundo de sua alma há.

Todo poeta possui
Segredos que estão escondidos
Em suas palavras que só
Podem desvendar aqueles que
Com a alma também
Buscam encontrar o maior
Tesouro escondido no coração.
UM GRANDE AMOR.

Marcos Nascimento

<http://www.marcasdaemocao.blogspot.com.br>

As pipas

Dúzias de pipas
De enormes rabiolas
Multicoloriam os ares
Desenhando coreografias
Tocando o teto azulado
Nas manhãs de
Todos os dias;
E nas pontas das linhas,
Garotos lépidos
De mãos hábeis
E olhos argutos
Corriam e sorriam
A cada peleja vencida;
E no fim daquelas tardes
Em alaranjados pores de sol
As pipas, lá do alto,
Acenavam travessas
Se despedindo
De toda gente,
Enquanto as noites
Caíam.

João Alberto de Faria e Araújo



Considerações bobinhas de amor

Se ocê existe e eu existo e o mundo existe
Por que que parece que eu tô sonhando
Quando me esqueço que tô te oiando?

Cheguei dia desses no vigário e lasquei assim:
Acredita em tudo esse santo não serve pra mim.
Ele disse que eu tinha parte com o tinhoso (Eu ri)
Falei que sou muito do religioso: Acredito em ti!

Sabe? Tentei pintar um retrato de ocê
Quase não acreditei no que pude vê
Uma rosa cheia de formosura
Foi o que apareceu na pintura.

Óia o que que eu descobri da última vez que choveu:
A chuva não vem das nuvens como todo mundo acha
O sol é que às vez não aparece e triste cai em desgraça
O choro dele cai nas nuvens, escorre e só pára no rosto teu.

Minha mãe já dizia o que era amar
Era dormir, sonhar e não mais acordar
E se eu oiasse pra ti com os zóio bobo assim
la sempre parecê que ocê óia só pra mim.

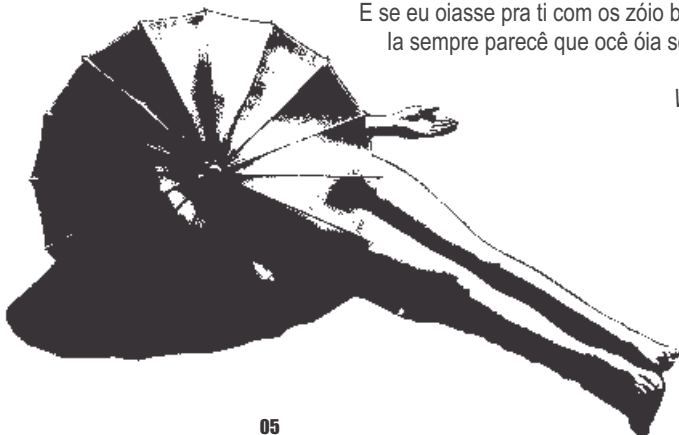
Williw Rota

Pedras

No caminho do Poeta,
havia uma pedra.
Mas ele a retirou
com uma singela pluma.

Triste de quem
não vê pedra alguma;
e caminha, vaidoso,
perdido entre brumas...

Edweine Loureiro



Passos rotos

Ai, na esquina
tantas meninas

minha pele esfria
a raiva amplia

o salário é curto
ser sujeito é surto

tanto desejo,
rotos impulsos

fome de gente
sede de sonhos

ali na esquina,
densa é a esperança
e tantas são as crianças

abraços soltos
passes sem enlaces

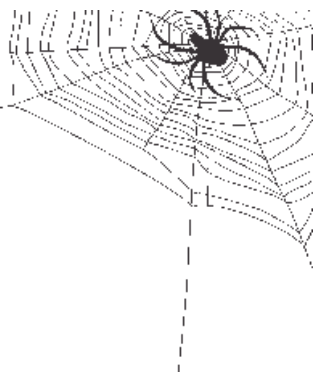
farta é a descrença!

me busco, me perco
onde não me encontro
a pele esfria, na esquina
minha raiva amplia...

o olhar encana
uma dor me chama

ai, na esquina
minha alma esvazia.

Carmen Sílvia Presotto
Vidrágua



Teia

O EGO
enreda tudo,
enche de nós,

só o NÓS
de s a t a,

des
em
aranha

Renato de Mattos Motta

Fuga

Árido é o tempo do exílio
e longo o espaço da distância...

O poema chega como fonte,
soa úmido ao ouvido, corre pelas veias,
invade o coração.

Palavras são miragens,
visões de oásis aos olhos sequiosos.

Sorvo-as como fossem vinho
e a alma, tonta,
por um instante é pássaro liberto!

Ligia Lacerda

Consciência da farsa

A intuição escolhe o leitor.
Sua alma renasce no poema.
Vinho novo para odres velhos.

Poética nunca é coisa fácil.

Mesmo que me sinta Poesia
sou mutilado, rarefeito na peça.

O Absoluto me absolve.

Joaquim Moncks

Do livro *O capital das horas*, 2014.

<http://www.recantodasletras.com.br/poesias/4837562>

Procura-se um poema que não fale de amor
Talvez ele tenha ficado perdido no tempo
Talvez ele tenha morrido de amor

Ana Paula Fernandes Ventura

Há o momento
de se dizer: basta!

E então se vive
a audácia:
do sonho
do gozo
da Palavra.

Arriete Vilela
In: Obra Poética Reunida.
Poligraf, Maceió, 2010.

Exaurido
De escrever
Pelos ares
O que o silêncio
Não sustenta
E a poesia
Não alimenta
Vou destemido
Desleixado
Perplexo
Com o meu
Conformismo
E então
Na onda
Dessa escuridão
Surfo
Nas estrelas
Da realidade
Anoto essa partitura
Sem privacidade
A solidão
Veste máscaras
Semafóricas
Em edifícios
Díficeis de
Decifrar
A cidade é
Uma esfinge
Pronta para
Te devorar



Ex(comunhão)

Partilha abrupta de um juntar de nadas
cada qual com seu punhado
de sons mudos
(e roupas ao vento)
inventário triste de um amor no sereno

Partilha abrupta entre o abrir e fechar de gavetas
roupas rasgadas, bocas secas

Caminhos estreitos em sol profano
muros altos, jardins arrancados
— outros planos
Partilha de medos e desenganos

Partilha abrupta de um juntar de nadas
chaves entregues, portas fechadas
e janelas abertas

Fosse a faca, fosse o fogo

fosse a faca com seu brilho de prata
a imagem que se espalha pelo espelho
mas o que se vê rebrilha vermelho
olho d'água de pranto: sangria vasta

fosse o leite do rio língua de fogo
a lamber feridas, salvar derrames
mas o que se sente já tarde e exangue
é flagelo da carne exposta em tocos

fosse um só curso sem corte de lâmina
ou desnível de vida — lume flúvio
mas o que se vinga na luta em fluxo
ruma em desonra, desordem e infâmia

fosse a força vã de dois afluentes
o encontro de paz entre duas famílias
mas o que se banha do abraço líquido
corre turva como almas turbulentas

Jorge Ventura



Rotina

Um dia qualquer
ainda tomo jeito
(Lei da Probabilidade).

Saio da rotina,
fecho a casa e a coloco à venda;
com o valor faço a viagem dos sonhos,
o filme da minha vida,
meu livro,
gravo minha canção;
...um dia qualquer me ajeito
e tomo um rumo
depois do caos
a bonança
—que venha e que não tarde
porque não tenho, assim,
tanto tempo ou mais
(Quem sabe?)
do que um dia
qualquer...

Conceição Hyppolito

Uma poesia chamada Maria (das almas)

Vem chegando ela a rainha das marias
Um pedaço de noite cruzando o dia
Vem chegando ela a rainha sem coroa
Dançando entre ruas pelas almas sobrevoa

Das figueiras aos cabarés
Em trajes negros e rubros
A embalarem as marés
Maria dos lábios ciganos

Tece as almas daqueles que anseiam
O beijo da madrugada
Com gosto de devaneio
Rainha da encruzilhada

És flor, essência e magia
Carrega a noite e conduz a matilha

SOS

Socorro:
Ela só corre.
O trabalho rói.
Seu homem a corrói.
O barulho destrói.
Espera que algo a socorra
Para que em vão não morra.
Mas já sabe de seu destino: masmorra.

Aline Patrícia Avelino Ferraz



Um primo de Musashi se liberta no Japão feudal

O samurai admirava sua beleza no espelho da lâmina de uma katana
Quando imaginou o fio da espada lhe rasgando as vísceras
Conforme fizera por décadas com os adversários
Em duelos sem causa aparente
Lançou a espada ao rio

Hoje se dedica à jardinagem

C. A. Albani da Silva

(www.cavalgandovento.blogspot.com.br)



Não hoje

Não fomos feitos pra dar certo
Meu café não cai bem com teu álcool
Nem nossos signos combinam
Não fomos feitos pra durar por anos
Mas insistimos todo dia
Toda manhã é um primeiro encontro
Toda noite é o primeiro beijo
Ou o primeiro recuo
Não fomos feitos pra durar
Precisamos viver com intensidade cada
[momento]

Pode ser o último...

A gente se entende nos olhos, mas não se
[decifra a hora do abraço]

–Não fomos feitos pra acabar hoje.

Tayline Angeli

Imagens do Novo Mundo

propagam a guerra
escondem diário massacre
nossa suposta paz erra
a violência veste fraque

depois de pólvora e chumbo
a verdade como cadáver
[moribundo]
mundo livre, mundo novo
promessas no prato do povo

Felipe Magnus

enfrento a fera de fome voraz
que mora em mim
que deita rola abusa do meu ser

insone na madrugada
conversa confidente
entrega meu tesouro

escuto passos
a alma abrindo a porta
escancara-me

não sei se grito
ou se me mato
não sei o que faço

corro descalça
grito socorro
escapo

Benette Bacellar

Cio em si

És cio, sexo e ócio
És lucidez ao revés
Pretexto de sedução
E, mesmo não sendo seu sócio,
Neste negócio de prazer,
Mesmo assim,
Sócio seu gostaria de ser.

Fernando Mattos

Hipnose

É curioso o poder que seus olhos têm sobre mim
Olhar mascavo, Narciso das areias movediças
Pé de mascate, faca de açougueiro, carrasco
Anzol de privacidades, agulha na ponta dos dedos
Betume, mar tempestuoso, fel e cassis
Pedra negra, arca de pecados, vidente
Se me perguntarem qual é tua face, não saberei
Mas tuas negras meninas, vestidas de luto
Dançam em festa espionando minha lucidez.

Mah Fiori



Garoto do tempo salta o santo

Corrida contra o tempo
O vento corre para o santo
O tempo do vento perde o conto
Que conta o susto do santo.

Tanto que não suporto
O peso do manto
Nos ombros em pranto
Socorro o corredor do tempo.

E o santo no passo
Fez o garoto num salto
Escolher seu destino
De súbito o vento.

Oceano do tempo no medo
Destino em pranto socorre
O corredor do vento
Nos ombros do garoto morre.

Daniel Perroni Ratto

Quereres

Pra que eu possa te dizer o que eu quero,
enquanto vences escuros,
preparas o banho,
em segredo
Te sussurro...

Pra que eu possa te dizer o que eu quero,
antes que me falte coragem,
antes que esse dia acabe,
em verbo
Me desvelo...

Pra que eu possa te dizer o que eu quero,
porque os dias são fartos,
as noites são longas,
em sonho
Voos assumo...

Há algo além do que se possa,
há algo mais do que se saiba,
o encontro, o acaso,
em mistério
eu te quero.

Sabrina Lindemann

Uma dose

Uma dose bem servida de alegria para você se embriagar de vida
Uma dose bem servida em todas as direções dos continentes
Para todos os povos se lembrarem das almas perdidas
Em guerras químicas distorcidas em Gaza, Iraque, Israel, Afeganistão e na
[Palestina

Uma dose bem servida de repúdio aos canalhas que fazem jogos
[subterrâneos

Onde as missões que desenvolvem não são de paz
Uma dose bem servida de veneno para as ratazanas
Que estão disfarçadas, à espreita, prontas para atacar
E uma dose bem servida de esperança porque até mesmo os canalhas
Com todos os seus joguinhos não podem com toda vida acabar

Auriel Filho

Alice

Alice, embebida de pureza,
há pouco tempo, chegara ao planeta,
ainda estava imune à maldade,
quando as notícias velozes
rasgaram-lhe as têmeoras.
Lágrimas verdes vertendo das retinas,
pontas de dor aguda a lhe fisgar o peito,
grito de clave de sol, preso à garganta,
ela então, vê a santa desnuda
sob a luz fria do cotidiano...
momento em que o belo pintou-se de breu
(sabor amargo de inocência trincada).

Cansada, recolhe-se ao quarto,
a proteger-se dos cristais e plasmas.
Após sangrar lembranças, cerra pálpebras,
chora e soluça outra vez, sozinha.
Por fim, Alice adormeceu!
Em seus sonhos ainda existem flores,
a água e a verdade parecem cristalinas
e até o coração do homem é bom.

Acanhado, procurei algo
que a fizesse sentir-se melhor
quando acordasse;
tentei criar um origami, mas já era tarde...
eu só tinha em mãos, a realidade.

André Luís Soares



Direção

Farta de amores clandestinos...
Resolveu virar do avesso e revirar.
E quantos outros clandestinos não devem existir por aí?
Amores de escapadas... em segredo.
Amantes, sem planos, entregues ao tempo
E a espera de um sinal de saudade...
De uma fraqueza contida pela ausência programada.
Entrega-se. Para o outro tão desejado? Não, meu bem.
Engano seu pensar que sim... Esperam pelo destino mesmo...
Pobre destino, farto de dar conta de organizar os tais amores...
Deixa-nos como folhas soltas a mercê do vento.
Esperando que outros decidam nossa direção.
Melhor mesmo é a minha vida em minhas mãos.

Monique Bonfim de Souza



Cai a chuva

Cai a chuva na avenida
Regressa bela em tua ida, (ah)
Molha a vida!
Cura a ferida!
Prende o mau tempo e lhe abriga...
Só pra dizer que o sol / nem sempre é / a porta da saída!

(All right!)

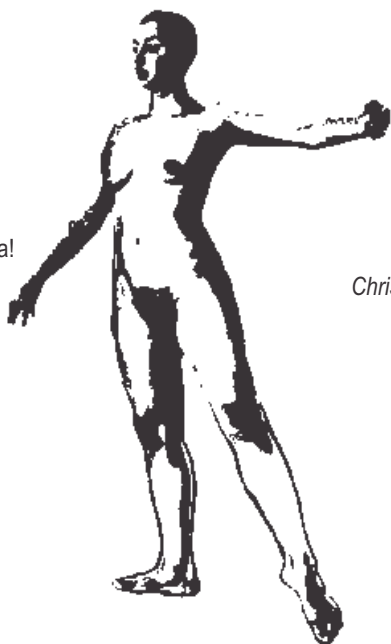
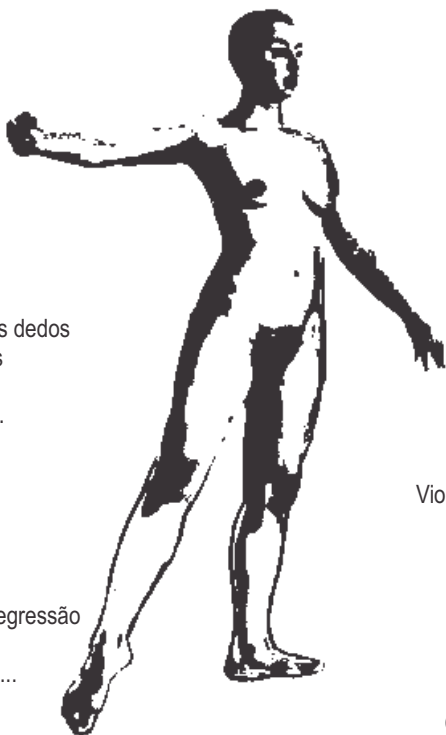
Cai a chuva na avenida!
Regressa bela em tua ida! (ah)
Rega a bebida!
Paixão proibida!
Que me faz feliz com tantas brigas...
Quem me dera ser / uma só gota / na tua descida!

Edison Gil

Tempo

Hoje
Acordei
Com pressa
O Aqui e Agora
Fugia pelos meus dedos
Kairós e Khronos
Em uma disputa
Pelo instantâneo.
Vivenciei
A plenitude
Do milésimo
Na alternância
Do gozo
No transe.
Consciência e Regressão
Pulsavam
Com intensidade...
E o tempo
Perdido
Ecoava
Só existe
O instante vivido...ido...ido...ido.

Lilian Rose M.da Rocha



barba
quando
roça
a nuca

é
poesia
bruta

Chrisellen Vieira

Últimos acordes

No interior da casa, a sala escura.
Cortinas desbotadas. Flores despetaladas.
Na cozinha o fogão à lenha descansa.
Na cozinha, a velha colcha desalinhada.

Na varanda, acordes tristes de um violão
acompanham o cantar alegre de um sabiá.

O homem curva-se sobre o pinho.

Sente-se sozinho.

Seus dedos procuram desesperadamente
as cordas gastas do seu violão sofredor.

Violão que soube como ninguém cantar o amor.

A lua aparece. A sombra cresce. Madrugada
[chega.

O violão se cala por instantes.
O artista adormece profundamente.
Definitivamente.

Quando o sol surge por entre as montanhas,
encontra o violão calado, no chão,
[abandonado.

Ouve-se então, o cantar solitário do sabiá.
O artista não se encontra mais lá.

Ludimar Gomes Molina

El silencio del crepúsculo

A oscuras se va quedando todo.

En el fondo de tu boca,
la palabra se estira como
la sombra contra el muro.
La miras desde el rincón iluminado,
la tocas con el ápice del deseo
y la muerdes con los ojos de la soledad.
Buscas el color breve en la lejanía,
la densidad del cuerpo que nombra
y solo hayas el silencio del crepúsculo.

Édgar Güiza

Ventos

Ventos de outono
despem árvores
e vestem o chão.

Ventos de inverno
pedem recolhimento,
vinho e pão.

Ventos de primavera
fazem dançar
pipas na amplidão.

Ventos de verão
sopram chuvas
e germinam o grão.

Angela Fonseca



Partida

Quando ele se foi,
eu olhei em volta,
a casa arrumada,
a toalha molhada
sobre a cama
o jornal esparramado
o soluço engasgado...
traços de uma vida
que já não me pertencia mais...

M Isis
#poesiadodia
www.todapoesiadodia.blogspot.com.br

Quimioterapia

*dedicado ao amigo
Luiz Gustavo Pires*

caíram
todos os cabelos

como que arrancados
pelo vento

no entanto
alma & coração
seguem intactos

e perseveraram
no diário aprendido

de reescrever a vida
de encarar a luta

de tentar vencer a morte.

Ricardo Mainieri
<http://www.mainieri.blogspot.com>

O dezoito Brumário de Artur Rimbaud

Tenho apenas vinte anos
a mais que Artur Rimbaud
e nem um segundo no inferno.

Nunca provei a taça da amargura
nem quebrei a cara na Abissínia
e cheguei em casa pernetta.

Jamais reneguei meus pais
nem minha querida "Jampruca"
por sua vida pacata.

E o fato de mochilar por aí
não tornou-me um andarilho
nem me fará urbanoide.

Sair da casa paterna, pra mim,
é o mesmo que ir ao trabalho
ou à horta colher alfices.

Não quero fazer do mundo
um monte das minhas cinzas
só porque eu não me amo.

Não sofro de "cazuzismo"
acusando a burguesia
por falta de ideologia.

Antonio Cabral

Quem corre de si, tropeça.
Quem se joga, cai.
Quem se isola, sofre.
Quem se abre, pega resfriado.
Não temos escapatória;
a vida fere, meu bem!

Giselle Maria



Sangramento

O tempo de espada corta o meu destino,
Em dores de desatino das volúpias desejadas;
Rompimento das veias com a dor do sangue que goteja;
Escrevi o passado em páginas bêbadas e sombrias.

O presente líquido ainda hospeda morcegos,
Improviso as armadilhas para aprisionar o mal
Ineptas jaulas para as dores passadas
Que esvoaçam auroras em meu coração.

Enquanto minhas orações resguardam um futuro incerto,
Meus passos não sabem voar, tropeço em poças d'água,
Singra a dor que a incerteza causa quando caminho sem ter
[direção:
Sou anoitecer nublado, mas aveludado pelo toque do vento.

Me pegó a ouvir o murmurar dos grilos
Deixo o pensamento bailar por alguns minutos
E sinto-me leve, a flutuar
Conduzida pela musicalidade do alvorecer.

Esperançada pelas manhãs vindouras,
Bailo em frente a espelhos,
Cadenciando o esoterismo da minha ventura,
Traduzida em uma valsa de passos desconcertados

Embora meus passos em minutos se evaporem
Sou avalanche de emoções, do frio-morno sentir
Armazenado no interior, Flama a completar-me,
Traduzindo o desfilar das visões, Fumaça das feições...



Hogar

Mil versos rondan mi mente
pero ninguno logra quedarse
se aferran a mis lágrimas
tan tímidas como silenciosas.

La noche despide al día
sin compasión,
sin remordimientos
y con indiferencia

¿Cómo se vuelve atrás?
¿cómo se recupera lo perdido?
tanto se añora el sepulcro,
tanto como para morir.

Elsa Camargo
Bucaramanga, Colombia

Estações

antes do verão
depois do inverno
no meio da primavera
ou no cochilo do outono

talvez descubra o que farei
com as estações
que moram em mim

Eliana Pichinine

A trilogia de uma noite mal dormida

ATO I

Em silêncio
E sem motivo algum
Eu decoro os meus passos
Com flores
Sangue
E um destilado barato
Que comprei
No bar do Zé.

ATO II

Eu queria viver uma vida de gente comum
Destas que comem
Bebem
Transam
Dormem
E pensam apenas o suficiente
Para que possam perpetuar
Estas quatro operações básicas.

ATO III

Em algum momento irá amanhecer
Dizem que o sol nasce pra todos
Então esperamos
Girando como porcos no rolete.

Eu visto cordas.

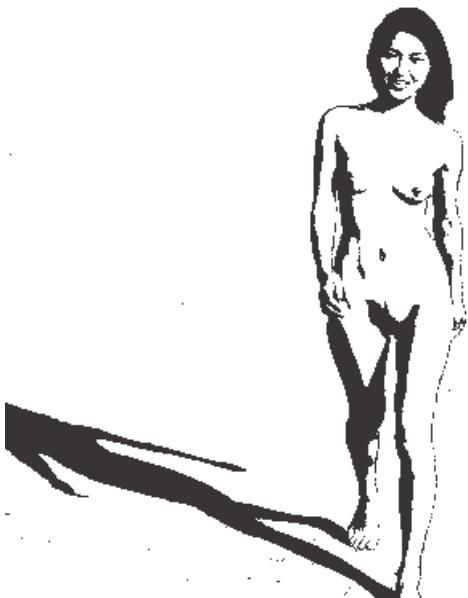
Lucas Esteves



Escuro

Sozinho, no escuro do quarto,
me ponho a pensar...
Aleatoriamente,
penso em tudo ao mesmo tempo: na vida
e nas coisas.
Apenas penso;
nada mais faço que pensar.
Tenho a doce ilusão de que, enquanto penso,
a poesia virá ao meu encontro; me visitará esta noite.
Mas, de repente, a demora me diz que atravessarei
toda a noite sem a companhia da poesia,
que ela não virá.
Percebo, então, que hoje não sou poeta,
que sou tão-somente carne dura, bruta,
sem nenhum verso, despida de dor e lirismo.
Vencido, quedo-me sem sono e sem poesia;
rendo-me à solidão do escuro.

Matusalém Dias de Moura



Fuga em fá

a menina olha o gato

gasto um século rasgando
o plástico dos móveis

adormeço no chão da sala

um terrorista acabou de invadir
um museu de Paris
(que importa?)

eu durmo
a porta se abre
e o gato lambe a ausência de tudo

Ricardo Thadeu
<http://ricardothadeu.blogspot.com/>

Poema poema

I
Sou dentro e fora e a morte é um descuido
Pernoita em meu inverno um lapso de vinte e quatro
Pertengo a um descaso da vida

II
De corpo implume
A alma penada pena
Negligência é permitir esquecer-se
Sou múmia só por hoje e tenho nojo dos setes

III
O cão santo com seu manto sagrado de purpura extrai
[das línguas o ópio do enredo
Os sonhos são feitos da mesma matéria que absorvo
Enquanto isso os realistas estabelecem níveis incríveis
[de coelhinhas mortas com a cabeça nos nove

IV
Pobre do homem que roubou o homem de dentro do
[homem
Pobre do homem que não roubou nenhum

V
Meu vazio se preenche com o mesmo nada que
[preenche o dos oitenta

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 150 exemplares.
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandes (Gente de Palavra);
Redação: Michelle Hernandes
Projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo

Porto Alegre, setembro de 2014.

APOIO:

